

KAPLAN. Robert D. **A Vingança da Geografia**: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica. 1 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 383p. 2013.

Carlos Henrique Arantes de Moraes¹

O autor da obra foi membro do Conselho de Políticas de Defesa do Departamento de Defesa dos Estados Unidos da América (EUA) e professor visitante da Academia Naval de Annapolis, da Marinha dos EUA. Produziu outras catorze obras sobre relações internacionais, traduzidas para inúmeros idiomas, e dentre as quais se destacam: *Monsoon: the Indian Ocean and the Future of American Power*, *Balkan Ghosts: a Journey Through History* e *Políticos guerreiros: a arte de liderar ao longo da história da Roma Antiga até hoje*.

Kaplan introduz a sua obra abordando casos históricos que demonstram a importância da geografia para o mundo – contrapondo pensadores que tenham defendido a sua perda de relevância perante a modernidade, a tecnologia e a globalização.

O livro divide-se em três partes. Na primeira denominada como “visionários”, o autor demonstra como os conceitos teóricos sobre a geopolítica foram se firmando ao longo do tempo. A segunda parte, mais contemporânea, e nominada com “o mapa do começo do século XXI” traz a discussão de fricções geopolíticas de nosso tempo. Por último, Kaplan traz uma visão de “o destino da América”. Percebe-se uma linha do tempo nessas três divisões, em que passado, presente e futuro são analisados a partir da ótica da geopolítica e da dinâmica mundial.

Antes de iniciar as teorias geopolíticas clássicas, Kaplan demonstra no primeiro capítulo como o senso geográfico foi perdendo sentido no pensamento político mundial. Muito, por certo, pelo período intelectual vivido após a Guerra Fria, quando a teoria do Realismo das Relações Internacionais voltou a perder espaço. Soma-se a isso, o avanço tecnológico e as comunicações mais eficientes e de maior alcance, fortalecendo a onda liberal inclusive em países subdesenvolvidos.

¹ Mestre pelo Programa de Pós Graduação em Ciências Militares no Instituto Meira Matos da Escola de Comando e Estado Maior do Exército.

Desse modo, a dicotomia entre realismo e idealismo ficou evidenciada na postura liberal de não se opor ao poder alemão antes da Segunda Guerra Mundial, e que resultou no holocausto; e ainda na intervenção no Iraque que depôs o tirano Saddam Hussein do poder, que gerou um vácuo de poder e criou uma situação calamitosa no Iraque com condições piores que durante a ditadura.

Esses eventos são apontados por Kaplan para fundamentar os eixos estruturantes de uma análise geopolítica, geográfica e histórica cultural de um povo, que não podem ser abandonados para impor um período de paz ou democrático. O Iraque, por exemplo, teve seu povo moldado durante séculos num sistema político fechado, influenciado por sua geografia e história cultural, e dificilmente essa estrutura política desapareceria numa simples mudança de governo.

Portanto, é a Geografia que impacta, molda, influencia a postura das nações, seja no campo externo (relações internacionais), seja na sua política interna. Isso traz à tona as diferenças entre o possibilismo e o determinismo, onde Kaplan conduz seu pensamento numa combinação entre essas duas teorias.

A partir disso, profissionais como geógrafos, historiadores, estrategistas, entre outros, evocam uma espécie de semideterminismo. A batalha contra o destino de uma nação é a carga iniciadora do possibilismo, mas quando essa nação não vence suas dificuldades geográficas, permite desvelar o determinismo geográfico. A ação humana sobre esse destino determinado gera domínio militar e avanços tecnológicos e comerciais, tudo isso utilizando-se da geopolítica.

Kaplan explora bastante o teórico britânico Halford Mackinder para justificar os conflitos envolvendo os domínios em torno do Heartland, como a Ásia Central e a própria China. A Rússia, ocupante de grande parte do “coração do mundo”, busca manter a sua extensão, enquanto o ocidente busca limitar essa expansão. A teoria do poder marítimo, de Alfred T. Mahan, também é invocada pelo autor nos exemplos da Guerra Russo-Japonesa, ao tratar da forte marinha nipônica. Kaplan também discorre sobre os pensamentos de F. Ratzel, R. Kjellen e K. Haushofer, e a maneira como estes foram distorcidos para atender aos anseios nazistas de conquista de territórios. As teorias do Rimland, de Spykman, e do poder marítimo, de Mahan, possuem capítulos à parte, ilustrados no exemplo da aliança americana com os japoneses para conter a Rússia, bem como na importância exacerbada dada aos

mares durante a Segunda Guerra Mundial, o que teria permitido o crescimento alemão e a eclosão do conflito.

No entanto, Kaplan percebe onde contestar os conceitos de Rimland e Heartland em virtude do sentido figurativo de encolhimento do mapa mundial, fruto da globalização e maior coesão da sociedade internacional – a chamada “crise de espaço” (algo inédito na história geopolítica mundial). A Europa ganha especial relevância para o autor, o qual prevê, ainda, conflitos futuros, especialmente no Leste e no Sul do continente devido às fronteiras com África e o Oriente Médio.

No capítulo intitulado A Rússia e o Heartland independente, Kaplan faz uma abordagem pormenorizada sobre a situação geopolítica dos russos ao longo do tempo. O autor descreve as fronteiras da Rússia, enfatizando que o Estado sempre possuiu contato com uma enorme gama de frentes a serem defendidas – a exemplo do Cáucaso na fronteira sul e o estreito leste da Sibéria. A descrição continua com o estabelecimento relação constante com a teoria do poder terrestre, de H. Mackinder, o qual definira a Eurásia como o centro de poder mundial e pivô da história – ou seja, o Heartland ou “coração do mundo”. Marshall (2018) corrobora com Kaplan, quando afirma que desde os primórdios sempre houve a necessidade da defesa da gigantesca área pertencente ao povo russo, o que levou a Rússia a oscilar em quedas e ressurgimentos ao longo de sua história. É ressaltado, constantemente, o perfil populacional russo como sendo de pessoas acostumadas com as severidades do terreno e do clima, o que contribuiu, na visão do autor, para moldar o espírito de luta russo, tratando-os como robustos e resistentes. Essa assertiva é exemplificada por inúmeras passagens, como as ações de Ivan, o Terrível, durante o século XVI, objetivando conquistas para garantir a permanência no território conhecido como Heartland.

Os exemplos de Kaplan variam, salientando a importância dos russos na geopolítica do Leste Asiático, a exemplo da guerra entre Rússia e Japão, além do combate ao islamismo de países da Ásia Central, finalizando com a atuação relevante – e que confere nova força à teoria do poder terrestre – do presidente Vladimir Putin. Aliás, ainda que escrita em inglês no final de 2012, a obra parece ter antecipado o atual conflito entre Rússia e Ucrânia, do modo como as vulnerabilidades geográficas russas são justificadas para tornar a Ucrânia peça fundamental na vida geopolítica do Heartland.

A China como ator internacional não poderia estar afastada das análises de Kaplan. Com base em fatores geográficos, como sua localização com saída para o mar e grande extensão territorial, o autor parte de um apanhado histórico, ressaltando a importância dos rios para a agricultura e o povoamento chinês. Destaca-se, também, a modernidade que a China atingiu, elevando seu patamar geopolítico global. Nesse viés, o autor aborda a estratégia chinesa de consolidação de suas fronteiras – por meio do incentivo ao adensamento populacional de regiões antes inabitadas, como Xinjiang –, ao mesmo tempo em que o Estado atua além de suas fronteiras para garantir vantagens, especialmente econômicas, a exemplo da presença no Sudeste Asiático. A teoria de Mackinder é constantemente levantada ao relacionar o Heartland eurasiático como alvo das investidas chinesas, exemplificado pela disputa com os russos na influência dos países da Ásia Central.

O autor realiza uma descrição especial da influência chinesa na península coreana, explicando que mesmo com toda a sua força, os chineses não conseguiram pacificar a tensão entre as duas Coreias. É invocada a teoria do Rimland ou Fímbrias, de N. Spykman, ao colocar como objetivos estratégicos da China tanto o Sudeste Asiático quanto as Coreias – justamente as bordas da Eurásia. Outra questão discutida pelo autor é a importância de Taiwan para os chineses, por ser uma das portas de entrada da influência ocidental na região. Kaplan conclui mostrando a relevância da China para os americanos, que procuram estar presentes em sua área periférica, como nos mares do Sul da China, no Japão e na própria Taiwan.

A Índia e o Irã são outros países-chave da Ásia relacionados por Kaplan, estudados por suas posições geográficas estratégicas e atuação relevante, sendo capazes de alterar o equilíbrio de suas regiões ao penderem para lados distintos. Do mesmo modo, o autor aprofunda-se na dinâmica do Oriente Médio, salientando a sua importância por ser o elo geográfico entre Europa, Rússia, África e Ásia. Um dos capítulos tece comentários sobre o antigo Império Otomano, composto principalmente pela atual Turquia e pelo Irã. Assim, a região ganha destaque nas teorias geopolíticas por fazer parte do Rimland e estar em contato com o Heartland.

Kaplan conclui debatendo as teorias que afetam mais fortemente os EUA e suas relações atuais. Arnold Toynbee e Samuel Huntington são contestados em alguns pontos, sendo que, para o autor, a estratégia vencedora para os americanos

seria investir na parte sul do próprio continente, com especial atenção para ao México.

Kaplan desenvolve uma tese majoritária em sua obra, que é definida pela importância da geografia para o mundo. Os eventos são ilustrados constantemente com as teorias de geopolíticas clássicas e contemporâneas. A teoria do poder terrestre, de Mackinder, é uma das mais invocadas, pois embasa grande parte dos conflitos ocorridos entre os russos e o resto do mundo. Ao mesmo tempo, a teoria das Fímbrias, de Spykman, é outra bastante utilizada para justificar antagonismos que ocorreram e até hoje ocorrem nas “bordas” do Heartland, particularmente no Oriente Médio. Isto sem que Kaplan se olvide de outras teorias e autores importantes como Alexander Seversky, autor da teoria do poder aéreo.

Para Kaplan, a geografia é a principal protagonista das relações que são desenvolvidas entre os Estados, sejam elas pacíficas ou não. Tudo isso é fundamentado com base nas teorias geopolíticas clássicas ou mais atuais, conferindo maior amparo ao seu raciocínio.

Em síntese, Kaplan promove junto ao leitor uma reflexão de como a história do mundo, de maneira geral, é moldada com base em aspectos geopolíticos; e de como a geografia atua decisivamente no passado, presente e futuro das sociedades.

Referências

KAPLAN, Robert D. **A vingança da Geografia**: a construção do mundo geopolítico a partir da perspectiva geográfica. Rio de Janeiro: Elsevier, 2013.

MARSHALL, Tim. **Prisioneiros da Geografia**: 10 mapas que explicam tudo o que você precisa saber sobre política global. Tradução Maria Luiza de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

Recebido em maio de 2023.

Publicado em julho de 2023.